

Prefácio

Escrever um prefácio para este livro, que apresenta um contributo crucial para o avanço do conhecimento sobre as teorias e os processos de profissionalização, é uma tarefa ‘árdua’ e, ao mesmo tempo, um desafio estimulante. Uma tarefa ‘árdua’, porque, na tela que este livro vai tecendo, os cenários analíticos que vão surgindo aos nossos olhos são desenhados com uma grande criatividade científica. Teresa Carvalho consegue entrelaçar o que à partida parecia constituir uma quase impossibilidade: uma profissão – a enfermagem – ainda em construção científica, social e política; o Estado, ‘reformado’ com ingredientes neo-liberalizantes/conservadores; e as instituições de saúde (hospitais), que, em graus diversos, usaram alguns desses ingredientes ‘regeneradores’ do Sistema Nacional de Saúde. A dificuldade em escrever este prefácio traduz-se no receio de não conseguir dar conta da grande riqueza e profundidade do pensamento da autora, quando propõe uma compreensão articulada – macro, meso e micro – das profissões e dos processos de profissionalização. Este esforço de articulação é bem visível ao longo de todo o livro. Surge com particular força quando Teresa Carvalho estabelece um conjunto de intersecções entre a reconfiguração do Estado Providência, o *managerialismo*/Nova Gestão Pública, o desenvolvimento dos sistemas de saúde, a reestruturação das instituições e as mudanças nas profissões. Por outro lado, ao longo das análises do material empírico do seu livro, Teresa Carvalho consegue produzir um conjunto de reflexões de tal forma pertinentes que, no futuro, não deixarão de constituir uma referência importante para a investigação no campo. Entre estas reflexões não podem deixar de ser destacadas as que incidem sobre: as estratégias colectivas da manutenção e/ou de reconfiguração das ‘jurisdições’ profissionais; as resistências e os alinhamentos com a intrusão das lógicas de mercado e gestionárias no sector público e instituições; as ambiguidades e os conflitos na relação entre os valores da gestão e os valores profissionais; as negociações locais para, informalmente, reconquistar espaços de poder profissional, formalmente perdidos e/ou condicionados pelo impacto das políticas de reforma do Sistema Nacional de Saúde; a passagem das rotas da profissionalização pelas tentativas de formalização, credenciação e legitimação de um corpo de conheci-

mento especializado. A forma como Teresa Carvalho apresenta os seus esforços de interpretação crítica, baseados na intersecção de várias áreas do conhecimento – principalmente a Sociologia das Profissões, a Sociologia, a Ciência Política e a Gestão – questiona as ideias feitas e sedimentadas das perspectivas mais acríticas e conformadas com que algumas Ciências Sociais têm investido o campo político, económico e social.

Este livro representa, sem dúvida, um avanço importante no conhecimento sobre a profissão da enfermagem. Este avanço é particularmente relevante ao nível das dificuldades com que este grupo profissional se confronta no desenvolvimento das suas estratégias de profissionalização (às quais o género também não é alheio), face à hegemonia da retórica e das práticas *managerialistas* da eficiência, da eficácia, da qualidade e da competição. Contudo, o trabalho de análise teórica e empírica que este livro propõe constitui, igualmente, um recurso imprescindível para a construção de uma visão analítica renovada dos desafios que actualmente se colocam a outros grupos profissionais.

Para além de ‘árdua’ a escrita deste prefácio é, também, muito estimulante. De facto, Teresa Carvalho, através de um discurso científico crítico, faz adivinhar que se pode ir mais longe na leitura do seu trabalho, envolvendo uma das dimensões mais esquecidas das Ciências Sociais: contribuir para a apropriação, individual e colectiva, pelos agentes/actores sociais, de um instrumento de interpretação dos seus ‘mundos’ profissionais e do impacto que esta apropriação pode assumir na construção de uma dada realidade ou de ‘ser’ a própria realidade. Neste sentido, este livro é também um apelo à humanização do conceito de profissão. Esta humanização é, muitas vezes, ocultada pelo espírito de «metodolatria» quantitativa que se apoderou de algumas Ciências Sociais.

Teresa Carvalho mostra que a ânsia reducionista da descoberta pela explicação linear dos comportamentos organizacionais e profissionais, como se estes fossem estáticos e imutáveis no espaço e no tempo, fez esquecer os significados atribuídos pelos agentes/actores às políticas, às instituições e às práticas. Faz-nos, também, recordar como estes significados são cruciais para a compreensão das identidades, das culturas, dos valores e das formas de apropriação, construção e legitimação do conhecimento profissional.

Rui Santiago